

Michelangelo Buonarroti, *Rimas*, tradução **João Ferrão**, apresentação **Nuno Júdice** [coleção 'Itálica'], Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2019, 683 pp.

Saúde-se, em primeiro lugar, a colecção "Itálica" pela oportunidade de publicação da tradução portuguesa das *Rimas* do grande artista do Renascimento (1475-1564), trabalho gigantesco de João Ferrão, com o qual obteve o prémio de tradução INCM/Vasco Graça Moura, de 2017. Trata-se de uma operação cultural de relevo indiscutível, dadas as dimensões de um corpo textual de enorme complexidade, quase desconhecido dos não especialistas de literatura italiana, o que significa que "ficou reservada aos poucos que se interessam pelas letras dessa primeira metade de quinhentos" (Nuno Júdice), o que

também valoriza a escolha reflectida do editor.

Michelangelo, poeta, integra-se numa geração de escritores florentinos que deram vida a textos inovativos - desde Leonardo, Pontormo ou Vasari, sem esquecer Lorenzo de' Medici, o "Magnífico" - porque partiram da vantagem de possuir os instrumentos linguísticos de base, herdando-os dos nativos de Florença, como já acentuaram os estudiosos michelangiotescos Giorgio Masi e Antonio Corsaro. E se a sua obra poética é composta por inúmeros fragmentos, a diversificação fica a dever-se porventura ao facto de os poemas pertencerem a épocas que percorrem o arco de tempo que vai de 1503-1504 até 1560, não sendo surpreendente que os mesmos reflectam comportamentos espirituais e ideológicos que naquela

época evoluíram, até de modo radical. Michelangelo cresceu na corte de Lorenzo de' Medici, onde certamente se inspirou nas ideias do Neoplatonismo, não sendo indiferente a influência dos discursos apocalípticos do dominicano Savonarola que, por aquele tempo, denunciava a apologia do corpo como modelo de beleza, contrapondo uma prática religiosa no sentido de um rigoroso ascetismo. Daí que a poesia michelangiotesca seja um reflexo do contexto social, embora os textos evidenciem uma lógica interna que elege Dante e Petrarca como modelos éticos e poéticos.

Já foi reconhecida pela crítica a dificuldade de leitura das *Rimas* e que Michelangelo cultivava a complexidade como objectivo estético, considerando os muitos períodos elípticos, os anacolutos, o recurso a vocábulos regionais ou a neologismos. Isto pressupõe não poucas dificuldades a resolver num trabalho de transposição literária, como bem refere João Ferrão no seu texto introdutório: “O artista é conhecido pela sua dificuldade, pela opacidade de muitos dos poemas, capazes de levar o leitor – e o tradutor – ao desespero” (p. 26). A tradução literária da linguagem

poética é, ela também, uma operação de grande complexidade, dado que os elementos distintivos do código linguístico a transferir são determinantes para apreender o significado. A este respeito, já Jakobson, num conhecido ensaio, defendeu a impraticabilidade da tradução “pura”, eliminando a possibilidade de transposição literal (aspecto denotativo da linguagem) e propondo uma transposição criadora, o que determina a consequente reformulação textual em que o texto acaba por se tornar pretexto para nova operação poética, frequentemente glosa ou paráfrase do produto literário original. É óbvio que a tradução de uma língua românica para outra língua românica, por exemplo, determina problemas específicos dadas as afinidades conotativas e denotativas entre os dois sistemas linguísticos. A “aproximação” linguística pode permitir um maior grau de “fidelidade à poesia”, na expressão de Georges Mounin, consentindo a quem traduz a oportunidade de deixar falar o mais possível o outro na nova língua, o que não significa uma mera transposição por decalque.

Foi este último o método adoptado por João Ferrão, como se deduz

da sua advertência: “As minhas primeiras tentativas mantinham a métrica e a rima dos originais – mas, *hélas*, parecia-me sempre impossível não desvirtuar o estilo de Michelangelo [...] Saíam poemas limpos, que pouco deviam aos do artista” (p. 31), isto é, não procurou “recriar o poema noutra língua”, prática tradutológica seguida, por exemplo, por Jorge de Sena, nos quatro sonetos de Michelangelo que insere em *Poesia de 26 Séculos: De Arquíloco a Calderón* – referido, sem motivo, na bibliografia -, em que a versão é completamente desviante, sem que se tenha acesso à expressão peculiar do texto original e conduzindo muitas vezes o leitor para outro campo sémico.

Num trabalho com estas dimensões, não surpreende que nem sempre se esteja de acordo com as soluções propostas. Aliás uma tradução nunca é definitiva, é um produto literário em trânsito, que se pode sempre melhorar no sentido da utópica perfeição. MANUEL SIMÕES

Fernando Pessoa, *Poesia. Prima antologia*, introdução e seleção Adolfo Casais Monteiro, tradu-

ção Andrea Ragusa, Lisboa, Lisbon Poets & Co, 2018, 511 pp.

O importante trabalho de divulgar a obra de Fernando Pessoa tem sido empreendido de diversas formas, desde a morte do poeta. São inúmeras as reedições da obra pessoana que vemos nas prateleiras das livrarias, em diferentes tamanhos e formatos, acomodando assim as várias necessidades do leitor. Também no âmbito da tradução, somos presenteados com uma grande variedade de traduções e, perante esta riqueza, interrogamo-nos se ainda haverá espaço para inovar no âmbito da tradução do poeta português.

Mostrando-nos que a resposta é, sem dúvida, positiva, a editora Lisbon Poets & Co. está a desenvolver um interessante e complexo projeto: a tradução da antologia pessoana de Adolfo Casais Monteiro, publicada em 1945, para várias línguas. Intitulada *Poesia. Prima antologia*, a tradução italiana apresenta a mesma estrutura que a obra original, com a introdução da autoria de Casais Monteiro, a sua seleção de poemas (com a exceção do poema *Hymn to Pan*, inserido, aqui, nas traduções do próprio poeta) e os apêndices, que incluem a